

O ESPÍRITO DE MIRAMAR NO “LIVRO DE BLANQUERNA”

Foi precisamente um papa português, João XXI, ou Pedro Hispano, natural de Lisboa, que no ano de 1276, a 16 de Novembro, confirmou o colégio de Miramar, em Deyà, fundado por Jaime de Aragão, na ilha de Mallorca. Como nota Waddingus, nos *Annales Minorum*, destinava-se este colégio a treze frades menores, a fim de ali aprenderem árabe para depois missionarem os povos muçulmanos. E para provar que tal iniciativa pertencia a Raimundo Lulo e que dela falava no *Blanquerna*, acrescenta o famoso cronista: “Ut ita rex faceret persuasit Raymundus Lullus, qui Sarracenicæ gentis convertendæ maximo tenebatur desiderio, idque testatum ipse reliquit in libro inscripto *Blancherno*, seu ejus marginator ibidem. Et in quibusdam carminibus, seu rythmis idioma patrio a se conscriptis, præsertim in illo, quo breviter suæ vitæ recitat compendium et cui initium *Son creat per esser*, etc. Ubi ita habet: *Lo Monaster de Miramar, fiu a Fraris Menores donar, per Serranis a preicar enfre la vinya e el fenollar*”. E à margem, esta nota: “*Lullus in Blanch., lib. 2, par. 2, c. 72*”. Copiamos à letra e deixamos ao cronista a responsabilidade do catalão.

O português João XXI conhecia de sobra a importância da língua árabe, pois muitas vezes trabalhou à base de versões latinas deste idioma e os seus opúsculos médicos referem-se, com frequência, a autores do Islão, conhecidos na história da medicina, e a médicos gregos traduzidos em árabe e depois vertidos em latim. Como dissemos atrás, a intervenção de João XXI, no colégio de Miramar, verificou-se a 16 de Novembro de 1276, quer dizer, só quase dois meses depois da consagração papal.

Raimundo Lulo, esse conhecia directamente a literatura muçulmana, manejava bem o idioma arábico e nada tão natural como sentir o desafio da conversão ao catolicismo desses povos tão perto e tão longe da Cristandade. Perto, geograficamente. Longe, pelo idioma e sobretudo pela religião.

O *Libre de Blanquerna*, “escrit a Montpeller devers lany M.CC. Lxxxiiij”, é uma das obras mais famosas da Idade Média. Consiste numa espécie de *Guia Espiritual*, ou melhor, *Novela Exemplar dos Vários Esta-*

dos e Ofícios da Igreja de Deus: matrimónio, vida religiosa, episcopado, sumo pontificado, vida ermitica, administração pública, vida jogralesca, etc. Muitos destes estados percorreu Blanquerna, neles deixou a marca da sua personalidade e dos seus ideais de reforma. Se ele coloca a vocação anacorética no cimo da pirâmide espiritual, é porque ela possibilitava, para Raimundo Lulo e para muita gente da Idade Média, a atmosfera mais propícia, em geral, para a ascensão espiritual, neste mundo.

Trata-se dum livro imaginoso, com estrutura flexível e tendências ecuménicas, não só pela preocupação de ensinar todos os idiomas aos pregadores do evangelho (inclusive o tártaro e o turco), mas também pelo cuidado de aproveitar tudo o que de belo e verdadeiro existia fora da Cristandade, por exemplo certas obras da literatura religiosa muçulmana, onde ecoa o lirismo do *Cântico dos Cânticos*. Verificamos isto numa das partes mais perfeitas do *Livro de Blanquerna*, a saber, o *Libre de Amic e Amat*.

Com efeito, conta Raimundo Lulo que o visitador dos ermitães pedira a Blanquerna que escrevesse um livro devoto para consolação dos anacoretas. Lembrou-se então de um muçulmano lhe ter dito que os sufis compunham parábolas de amor e contavam exemplos para afervorar os fiéis no caminho do amor de Alá. À imitação do estilo dos sufis, escreveu Blanquerna o *Livro do Amigo e do Amado*. E a seguir, juntou-lhe a *Art del Libre de Contemplació*. Quem lê o *Cântico dos Cânticos* e mergulha, depois, nas páginas líricas do *Livro do Amigo e do Amado*, fica pelo menos a suspeitar que ambas as obras são da mesma família estilística, com raízes no longínquo Oriente e no que poderíamos chamar a sua literatura erótica do amor divino.¹

Nesta obra metódica, a que não falta certo enredo mais ou menos movimentado de romance, tem papel importante o Jogral de Valor (ou *juglar de valor*), sobretudo na canção final, onde se fala da fundação de Miramar.² Que o Jogral de Valor cantasse essas *cobles* (coplas) na corte de Roma, tal era o desejo do Imperador. Este jogral, que foi, por assim dizer, o cantor da epopeia de Miramar, encontrara-se já com o ermita Blanquerna no meio da floresta. O jogral e o Imperador. Também este era grande poeta, pois diz-nos Raimundo Lulo que o jogral cantava canções e coplas “que l'emperador havia fetes de nostra Dona Santa María e de valor”.³

1 RAMON LULL, *Libre de Blanquerna* (Malhorca, 1914) pp. 377-431.

2 *Ib.*, pp. 493-495.

3 *Ib.*, p. 285.

Afonso X, autor das *Cantigas de Santa Maria*, devia ser esse imperador, pois ainda vivia em 1284 e nunca renunciou ao Sacro Império Romano. Isto mesmo salta à vista no começo das *Cantigas de Santa Maria*: "E que dos Romãos Rey/é per dereit'e Sennor".

A fundação da escola de Miramar integra-se numa preocupação universalista de salvação, que se revela em passagens inúmeras do *Livro de Blanquerna*. Basta lembrar o *Libre de Ave Maria*⁴ de que nós copiamos um parágrafo da versão castelhana de 1552: "Ave Maria. Saludos te traigo de parte de los moros, judíos, griegos, mogoles, tártaros, turcos, búlgaros, húngaros de Hungría la menor, comanes, beduínos, asasinis, surianos, jacobinos, nestorianos, marotinos, russios, armenios y georgianos. Todos estos y otros muchos cismáticos e infieles te saludan por mí, que soy su procurador".⁵ Estes infiéis por quem eu te saúdo, ó Virgen Maria, não te conhecem. Contudo, assemelham-se, por fora, ao teu Filho. No entanto, vão direitos ao fogo eterno e perdem a glória celeste! Têm boca para te louvar, coração para te amar, mãos para te servir, pés para andar pelos teus caminhos. Ora tu, Senhora, bem mereces que te conheçam, amem, sirvam e honrem todos os povos de toda a Terra!

A característica essencial da acção de Blanquerna, ao longo das várias fases da sua vida, consiste numa preocupação constante do desenvolvimento do ensino das ciências e línguas, ao serviço da expansão da Igreja, tanto em densidade como em extensão geográfica e humana.

E Raimundo Lulo (ou Blanquerna por ele) conta-nos a seguinte parábola: À sombra duma árvore carregada de flores e frutos, junto duma fonte clara, estava sentado um ancião, numa cadeira de oiro, prata e marfim. As suas nobres e amplas vestes vermelhas significavam a Paixão do Filho de Deus. O ancião chamava-se Entendimento e ensinava filosofia e teologia a muitos alunos. Acompanhado pela Fé e pela Verdade, Blanquerna aproximou-se do Entendimento e dos respectivos escolares. Cumprimentaram e foram bem acolhidos pelo mestre e pelos discípulos.

Depois de breve diálogo, o Entendimento voltou-se para os alunos e disse-lhes: Os infiéis querem provas e demonstrações que os levem a acreditar. Pois bem, chegou a hora de eles usarem da ciência que têm, para honrar Aquele que lha deu. Com efeito, muitos sábios muçulmanos duvidam da sua crença. Com os judeus em cativoiro, acontece o mesmo, pelo menos a alguns deles. E bastos são os pagãos sem fé de espécie nenhuma.

⁴ *Ib.*, pp. 210-239.

⁵ RAIMUNDO LULIO, *Blanquerna*, t. 1 (Madrid, 1929) p. 219.

Bom é que a tenham. Ireis disputar com os descrentes por meio da *Arte Abreviada de Encontrar a Verdade: Art abreviada datrobar veritat*.⁶ É este o programa de boa parte da *Corte Imperial*, em português, tão influenciada por Raimundo Lulo. Com razões (e não com a Sagrada Escritura ou o Alcorão) é que se devem converter os gentios, alheios à Bíblia e à doutrina de Maomé.

Para a conversão dos homens à religião cristã, era preciso muita instrução. Por isso, o abade Blanquerna reuniu os monges em capítulo e tratou de organizar os estudos: sitio para estudar, horário, mestres e programa a seguir. Eis senão quando, entrou um homem no capítulo, com carta de dois monges do mosteiro, que estudavam na Universidade de Mompilher e pediam dinheiro para as despesas e livros de Direito. Era justo ajudá-los, pois os mosteiros precisavam de quem defendesse depois o direito aos bens conventuais, em demanda no tribunal!

Complica-se esta narrativa com a morte dum frade, sem assistência médica, contam-se fábulas cheias de manhosa sabedoria e, por fim, aparece o programa escolar: Primeiro, Blanquerna ensinaria gramática, para os alunos melhor entenderem as ciências. A seguir, daria lições de lógica, para eles bem compreenderem a filosofia natural e moral, antes da teologia. Depois da teologia, Blanquerna daria aulas de medicina e, finalmente, lições de jurisprudência.

Um monge protestou que era impossível aprender estas ciências todas. Blanquerna, porém, respondeu que os escolares iriam estudando o que de cada uma fosse conveniente. E no fim, durante um ano, assimilariam “los començaments e la art de les quatre sciences generals qui son pus necessaries, ço es a saber, teología e natures e medicina e dret”.⁷

Já se vê que o ensino da “gramática” implicava o latim. Afora esta língua, os monges nenhum outro idioma estavam obrigados a saber, afora o materno, claro. Quer dizer, Blanquerna, quando abade do mosteiro, não pensava em pôr os seus monges a pregar aos muçulmanos ou aos turcos. Pelo menos, não dá essa impressão. Mas vamos ler, no *Livro de Blanquerna*, como ele ia fazer tudo para mobilizar os franciscanos para a pregação em língua arábica.

No *Livro da Ave-Maria*, dentro do *Livro de Blanquerna*, conta-se o sucesso do cavaleiro que o sobredito abade achara ao pé da fonte, a cantar cantigas de amor. Convenceu-o Blanquerna a celebrar antes os louvores da

⁶ RAMON LULL, *Libre de Blanquerna*, ed. cit., pp. 142-143.

⁷ *Ib.*, pp. 189-191.

Virgem Maria, pois era a mais bela de todas as mulheres. E assim fez o cavaleiro. Ora, em certa ocasião, quando um bispo pregava num sínodo diocesano, entrou na igreja um eclesiástico natural da Ilha de Malhorca. Na presença de todos, narrou ele como el-rei D. Jaime, senhor daquela ilha, pelos desejos que tinha de que pregassem a Jesus Cristo entre os infiéis, ordenara que treze frades menores aprendessem árabe no mosteiro de Miramar. Uma vez bem dominado aquele idioma, iriam os frades pregar aos infiéis muçulmanos.

Em terra fértil caiu o exemplo. Ali estava uma boa ideia para honrar a Virgem Maria! Assim pensou o bispo e determinou fundar outro mosteiro semelhante ao de Miramar, na sua diocese, com aprovação do papa e do cabido. Lá estariam igualmente treze pessoas (*personas*) que aprendessem ciências e línguas, para bem da Santa Igreja. Chamou-se o mosteiro *Benedictus fructus ventris tui* e nele entrou o bispo, com alguns cónegos e seculares, todos sob a regra de Miramar, da Ilha de Malhorca.⁸

Como se vê, Miramar, na intenção de Raimundo Lulo, era só um começo, à maneira da primeira casa duma ordem religiosa, destinada às missões entre infiéis.

Blanquerna foi sagrado bispo e, mais tarde, eleito papa. Ora, aconteceu que, estando ele reunido em consistório com os cardeais, entrou um embaixador muçulmano, trazendo uma carta do sultão de Babilónia. Maravilha-se o sultão de os cristãos quererem tomar posse da Terra Santa, empregando a força das armas, tal qual fizera Mafoma. O papa e os cristãos, insistia ele, deviam mas é imitar a Cristo e os apóstolos. Eles converteram o mundo pela pregação e pelo martírio!

Muito se pensou neste caso e resolveram, por fim, mandar aprender ciências e línguas a alguns religiosos mais inteligentes. E resolveram também que, por todo o mundo, se fundassem casas de estudos, bem providas do necessário, conforme o plano do mosteiro de Miramar da Ilha de Malhorca. E os mestres? Pois bem, ordenou o papa que se procurassem em terras de infiéis. Eles aprenderiam a nossa lingua e nós a deles! Para acabar, iriam juntos para essas terras os mestres e os discípulos, a fim de aí se pregar o reino de Cristo. E os infiéis que tivessem aprendido latim e conhecessem a doutrina cristã, que eles recebessem presentes em dinheiro, bagagens e ricos vestidos, a fim de abalarem satisfeitos e ajudarem os missionários nas terras donde tinham vindo.

⁸ *Ib.*, pp. 229-231.

Não se tratava unicamente de pagãos. O papa enviou emissários às regiões da Geórgia, da Grécia, de Alexandria e da Índia, a buscar alguns religiosos cristãos que aprendessem a nossa língua e tomassem conhecimento da verdadeira doutrina, pois eram cismáticos. Depois, voltariam para as regiões onde viviam.

As ordens do papa Blanquerna sucediam-se umas às outras, sem esquecer os mouros e judeus que moravam nas terras cristãs. Que ao menos alguns deles aprendessem latim (*apendre lati*) e vivessem entretanto à custa da Igreja. Depois, seriam declarados livres (*francs*) e honrados por todos, servindo para ajudar na conversão dos outros judeus e muçulmanos.⁹

Longo nos parece este capítulo. Porém, ainda maior nos parece a imaginosa iniciativa de Raimundo Lulo, sobretudo na sua preocupação dos conhecimentos linguísticos, como base da evangelização em escala ecuménica. Miramar destinava-se à aprendizagem do árabe. Contudo, já notámos que Raimundo Lulo (ou Blanquerna, se assim quisermos) pensava também noutros idiomas.

O cardeal do ofício *Glorificamus te* lembrara ao papa Blanquerna que muitos cristãos viviam abandonados entre sarracenos e tártaros. Alguns deles deixavam a fé e não tinham pregadores do evangelho. Logo o papa resolveu que as ordens religiosas mais instruídas fundassem mosteiros de religiosos, nos confins da terra onde havia cristãos, à maneira dos fronteiros das ordens militares. Uma vez ali, que aprendessem a língua do país e ensinassem a doutrina cristã!¹⁰

Conforme diz o *Livro de Blanquerna*, alguma coisa se ia fazendo. Com efeito, dois frades, conhecedores da língua árabe, foram pregar o Evangelho a terra de mouros.¹¹ Graças à iniciativa do papa, passou à Turquia um mensageiro do cardeal *Domine Fili* e ali encontrou quatro religiosos que sabiam falar turco. Blanquerna enviou belos presentes ao chefe dos tártaros, que era então senhor da Turquia, e os quatro frades puderam pregar a fé cristã.¹² Numa palavra, Miramar e a língua árabe não passavam duma pequena parte dum programa ecuménico e ambicioso, que abrangia todos os povos e línguas. Miramar era uma realidade que se ultrapassava como significado universal, lembra uma seta a indicar o caminho, embora ficasse no começo e durasse poucos anos. Raimundo Lulo, graças à ideia de Miramar na sua expressão mais ampla, expressa no *Livro de Blanquerna*,

⁹ *Ib.*, pp. 295-298.

¹⁰ *Ib.*, pp. 329-330.

¹¹ *Ib.*, pp. 360-361.

¹² *Ib.*, p. 345.

pode ficar na história como um dos raros homens que soube pensar e programar em grande estilo.

Voltando ao romance, Blanquerna renunciou à Cátedra de S. Pedro e foi viver numa ermida, entregue à contemplação. Certo dia, foi até ele um jogral, a chorar muito pelos pecados que fizera no seu ofício. Blanquerna lembrou-lhe que todos os ofícios têm as suas razões de ser e dirigem-se todos a fins determinados por Deus. Cavaleiros, juristas, decretalistas, médicos, artesãos, mercadores, religiosos, ermitães, enfim homens de qualquer estado, mundano ou religioso, todos devem orientar-se na devida direcção. Ora bem, os jograis destinam-se a louvar a Deus e a consolar os que, por amor dele, andam metidos em trabalhos e sofrimentos. A penitência imposta ao jogral, pelos desvios da sua vocação jogralesca, foi andar pelo mundo, a gritar, a cantar e a explicar, entre gentes de todas as qualidades e estados, qual a razão de ser da *jogralia* e de todos os ofícios e estados.

Para isso, o ermita Blanquerna entregou ao jogral o *Libre de Blanquerna*, ou *Libre de Evast e de Aloma e de Blanquerna*, onde vinham escritas as obrigações de cada estado. E conforme a natureza do auditório, lia o jogral esta ou aquela parte da obra, repreendendo e corrigindo.

Submeteu-se o jogral à penitência do ermita Blanquerna e começou a andar pelo mundo, a ensinar o bom caminho a homens de todas as castas e cargos. E eles ficavam a saber o sentido e a missão da teologia, da vida clerical, da cavalaria, do direito civil e canónico, da medicina, do comércio, etc. E pelas praças, cortes e mosteiros, lá ia o jogral lendo o *Livro de Blanquerna* a toda a gente de boa vontade.¹³

Vamos assistir a encontros inesperados. O Imperador, que tantas cantigas fizera em louvor de Santa Maria, renunciara ao Império, na pessoa do seu filho, e metera-se a caminho da ermida onde morava Blanquerna, para viverem e rezarem juntamente. Por acaso, o Imperador encontrou-se com certo bispo, que se encaminhava para Roma. Tencionava o bispo pedir licença para se ensinar, em todos os Estudos Gerais, a *Art abreviada da trobar veritat*. Pediu, então, o Imperador ao bispo que procurasse, em Roma, o Jogral de Valor e lhe entregasse certas coplas, a fim de ele as cantar na corte pontifícia, diante do papa e dos cardeais. Falavam as coplas dos feitos e santa vida dos apóstolos, quando a vida santa e devota reinava no mundo: “Sènyer ver Deus, rey gloriós, / qui ab vos volgués hom unir! / Membreus dels vostres servidors / qui per vos volen mort sufrir”...

¹³ *Ib.*, pp. 490-491.

Estas coplas do Imperador, em catalão,¹⁴ têm um não sei quê de pentecostalismo, de vinda duma era nova do Espírito Santo. Fala do novo fervor que, naquela época, abrasava a Igreja, como se tivessem renascido os tempos apostólicos, refere-se aos franciscanos, pregadores, abades e prelados, e acaba pelo desejo expresso de servir a Virgem Maria e ser ermita junto de Blanquerna. Destes versos interessam-nos sobretudo os que se referem a Miramar:

Remembrat han frares menors
 lo Salvador, qui volc vestir
 ab sí lo sant religiós,
 e han fayt Miramar bastir
 al rey de Mallorca morós:
 iràn serraíns convertir
 per far plaer
 a Deu, qui a mort volc venir
 per nos haver

A versão castelhana destes versos afasta-se da edição crítica de Moss. Salvador Galmés (Malhorca, 1914), ou autôr o tradutor agiu muito à-vontade. Por isso, nem sempre coincide com o texto catalão acima transcrito. Ainda assim, não se afasta demasiado do essencial:

Ya los Frailes menores
 Recuerdan, fervorosos,
 De un Dios crucificado
 Los debidos honores;
 Ya en Miramar, dichosos,
 Que el gran Rey de Mallorca ha destinado,
 Y en Colegio fundado,
 Se ocupan estudiando
 El idioma morisco;
 Y en el Cristiano aprisco,
 Recogerán al moro bautizado,
 Con que de África el suelo
 Volverá a fecundarse para el Cielo.¹⁵

¹⁴ *Ib.*, pp. 493-495.

¹⁵ RAIMUNDO LULIO, *Blanquerna*, t. 2 (Madrid, 1929) p. 274.

No *Livro de Blanquerna*, tornamos a dizer, a fundação de Miramar era um começo, um exemplo a seguir e a multiplicar em várias línguas e povos. Por isso, as coplas do Imperador dirigiam-se também aos pregadores e homens da Igreja: Que fazeis, pregadores? Se tanto amais a Deus, aproveitai a ocasião e imitai os frades de Miramar.

Abades, bispos e priores, em que vos ocupais? Largai os bens da fortuna e, sem tardança nenhuma, servi a Deus que é justo.

A canção tende para uma espécie de mobilização da Cristandade, uns para a vida apostólica entre os pagãos e outros para a penitência e oração, como Blanquerna na vida ermitica. A este se juntaria, em breve, o Imperador que escrevera as coplas e renunciara ao trono, como Blanquerna renunciara à Cátedra de S. Pedro.

MARIO MARTINS